

Carolina Michaëlis de Vasconcelos e os Cancioneiros Galego-Portugueses*

Yara Frateschi Vieira

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

RESUMO. O nome de Carolina Michaëlis de Vasconcelos está geralmente associado, e com razão, à edição do *Cancioneiro da Ajuda* (Halle, 1904). No entanto, já antes de publicá-la, ela teve em conta as edições diplomáticas dos apógrafos italianos (1875 e 1880), o que a levou a modificar o projeto inicial da edição do Cancioneiro lisboeta e, ainda, a editar e analisar, em vários trabalhos, composições que se encontravam apenas nos outros dois Cancioneiros. Além disso, após a morte de Monaci, exerceu um papel importante nas negociações entre o governo português e o italiano, que resultaram na compra do *Códice Colocci-Brancuti* e na sua translação para a Biblioteca Nacional de Lisboa, cujo nome leva hoje.

Palavras-chave: Carolina Michaëlis de Vasconcelos; *Cancioneiro da Ajuda*; Cancioneiros da *Vaticana* e *Colocci-Brancuti*; *Cancioneiro de D. Denis*; Ernesto Monaci; José Leite de Vasconcelos; Henry R. Lang.

ABSTRACT. Carolina Michaëlis de Vasconcelos' name is generally associated, and rightly so, to the edition of the *Cancioneiro da Ajuda* (Halle, 1904). Even before its publication, however, she took account of the diplomatic editions of the Italian copies (1875 and 1880), which led her to modify her initial project for the edition of the Lisbon *Cancioneiro*, and, moreover, to edit and analyze, in various works, compositions that were only found in the other two *Cancioneiros*. Besides, after Monaci's death, she had an important role in the negotiations between the Portuguese and the Italian governments that resulted in the purchase of the *Colocci-Brancuti Codex*, and in its being transferred to the Lisbon National Library, whose name it bears today.

Data de recepción: 25-04-2011 Data de aceptación: 05-05-2011.

* Conferência pronunciada na cerimônia de encerramento da exposição: "A Vida e a Obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: evocación e homenaxe". Biblioteca da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, 14 de abril de 2011.

Keywords: Carolina Michaëlis de Vasconcelos; *Cancioneiro da Ajuda*; *Vaticana* and *Colocci-Brancuti* Songbooks; *Cancioneiro de D. Denis*; Ernesto Monaci; José Leite de Vasconcelos; Henry R. Lang.

EMBORA o nome de Carolina Michaëlis seja associado, predominantemente, à magistral edição do *Cancioneiro da Ajuda*, publicada em 1904 pela editora Max Niemeyer de Halle, não podemos desconsiderar os estudos que também dedicou aos demais Cancioneiros da lírica profana galego-portuguesa, nem que foi em parte graças à sua interferência que a Biblioteca Nacional de Portugal ostenta hoje, entre os seus códices preciosos, o mais completo dos apógrafos italianos.

É natural, porém, que o nosso olhar se tenha concentrado sobre o *Cancioneiro da Ajuda*: pois não só a edição textual propriamente dita, que ocupa o primeiro volume, é ainda largamente utilizada e aceita, mas as 994 páginas do volume II, intitulado “Investigações bibliographicas, biographicas e historico-litterarias”, constituem, da mesma forma, uma “arca do tesouro” para os estudiosos da área, pela riqueza das informações e lucidez das análises que oferece acerca do códice, das suas edições e relações com os demais cancioneiros galego-portugueses, bem como sobre a identidade histórica e artística dos trovadores neles representados, ou seja, os múltiplos e variados aspectos –linguísticos, históricos, etnográficos etc.– que, devidamente interpretados e articulados, construíam, dentro do quadro teórico e metodológico da filologia alemã do século XIX, o ideal do *orbis philologiae*¹. Da importância dessa contribuição para os seus coevos e ainda para a atualidade, falam claramente as comemorações do primeiro centenário da sua publicação em 2004: lembro o congresso “O *Cancioneiro da Ajuda*, cen anos depois”, realizado em Santiago de Compostela e na Ilha de San Simón nos dias 25 a 28 de maio de 2004, o “Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904-2004)”, celebrado em Lisboa, de 11 a 13 de novembro de 2004, e o volume *Carolina Michaëlis e o Cancioneiro da Ajuda, hoxe*, publicado pelo Centro de Investigación en Humanidades Ramón Piñeiro, em 2005. Nessas reuniões e nas publicações que delas resultaram, os especialistas examinaram as mais diversas questões que o seu trabalho, justamente considerado “monumental”, ainda hoje suscita.

Cientes hoje de pelo menos uma parte da história da edição do *Cancioneiro da Ajuda*, sabemos como ela está intimamente ligada à dos demais Cancioneiros: a própria Carolina narra como, recém-chegada a Portugal, para onde viera logo depois do seu casamento em 1876 com o historiador de arte Joaquim de Vasconcelos, gastou os meses do verão de 1877, grávida do seu primeiro e único filho, “na empresa de decifrar e copiar, com paixão e paciência, essas páginas seis vezes seculares”². Mais de um quarto de século passou-se, contudo,

1 Cf., a esse respeito, Pascale Hummel, *Histoire de l'histoire de la philologie*. Genève: Droz, 2000, esp. p. 144 ss.

2 *Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da ed. de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990, vol. I, p. V.

entre esse primeiro momento de decifração e cópia do manuscrito conservado na Biblioteca da Ajuda e a publicação final dos dois volumes, em 1904. Maria Ana Ramos, no seu luminoso artigo “O Cancioneiro Ideal de D. Carolina”³, dedicou-se a investigar por que a edição, prevista para incluir inicialmente apenas a fixação crítica das 64 poesias privativas do códice português, e praticamente pronta para entrar no prelo em 1878⁴, como terceiro volume da coleção *Comunicazioni dalle Biblioteche di Roma e da altre biblioteche*, dirigida pelo filólogo italiano Ernesto Monaci, acabou por aguardar outros vinte e seis anos antes de ser dado à luz. A demora deveu-se, na opinião de M. Ana Ramos, não à vasta investigação histórico-literária contida no volume II, mas a uma mudança no “projeto editorial”:

Com apoio nos três cancioneros e com acesso às transcrições paleográficas, mesmo parciais, poderia então prosseguir o percurso mais ambicioso e delinear, sob auspícios mais sólidos, não apenas a simples edição paleográfica do *Cancioneiro da Ajuda* (como nos cancioneros italianos), mas a edição crítica de um *Cancioneiro ideal*, isto é, de todo o *Cancioneiro de amor galego-português*⁵.

Parece que Monaci não lhe perdoou, afinal, o ter faltado ao compromisso de lhe fornecer o terceiro volume para a sua coleção. Na Necrologia que Carolina escreve, a seguir à morte do filólogo em 1918, não resiste a referir que Monaci, a partir de certo momento, e contrariamente ao que fizera antes, passara a esconder o seu tesouro, isto é, o Cancioneiro Colocci-Brancuti, que comprara em 1888, “declarando a todos os solicitantes que não o mostrava a ninguém, nem comunicava nada a respeito dele, e deixando de publicar o prometido estudo sobre as variantes que seguramente já elaborara e de que tanto necessitamos”. E, pergunta Carolina, por que agiria assim? Aponta, então, algumas causas para essa mudança, entre as quais a primeira tem a ver com aquele fato: “Desagradou-lhe o lento avançar do meu Cancioneiro da Ajuda, publicado afinal, pelo carácter diverso que eu lhe dava, não como Parte Terceira das *Comunicazioni dalle Biblioteche di Roma e da altre Biblioteche per lo Studio delle Lingue e delle Letterature Romanze*, conforme a princípio se planeava, mas independentemente. Nem o aplacaram os dezassete testemunhos da *minha ocupação não infecunda* com os Cancioneiros que sucessivamente publiquei como *Randglossen* e em artigos relativos ao *Cancioneiro de D. Denis*”⁶. (itálico acrescentado)

3 Publicado em *O Cancioneiro da Ajuda, cen anos depois*. Actas do Congresso realizado pola Dirección Xeral de Promoción Cultural en Santiago de Compostela e na Illa de San Simón os días 25-28 de maio de 2004. Xunta de Galicia: Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 2004, pp. 13-40.

4 Segundo o afirma Joaquim Vasconcelos em carta dirigida a Ferdinand Denis, publicada por Celso Cunha em “Uma carta de Joaquim de Vasconcellos sobre o ‘Cancioneiro da Ajuda’”, *Boletim de Filologia* XXVIII, 1983, pp. 317-325.

5 “O Cancioneiro ideal de D. Carolina”, p. 16.

6 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, “Necrologia – Ernesto Monaci”, *Revista Lusitana* XXII, 1919, pp. 250-1.

Muito embora Carolina não sugira tal hipótese, não é impossível que Monaci se tivesse ressentido, na verdade, de algo que consideraria “apropriação indevida”, por parte dela e de outros estudiosos, do Códice que, como diz numa carta dirigida a Lang, “é de minha exclusiva propriedade. Comprei-o para o meu próprio uso”. E em termos ainda mais claros: “Não permito que ninguém estude o Códice Colocci-Brancuti”⁷. Nesse sentido, seria difícil que Monaci se “aplasasse”, como ela diz, com os testemunhos da sua ocupação “não infecunda” com os Cancioneiros.

Assim, entre 1895 e 1905, Carolina lançou-se à tarefa de editar textos ou de resenhar edições de textos provenientes não do códice português, mas dos italianos: nos dois artigos publicados em 1895, em que faz a recensão do trabalho que Lang dera à luz em 1894, *Das Lie-derbuch des Königs Denis von Portugal*, dá provas da sua intimidade com as edições paleo-gráficas do *Cancioneiro da Vaticana* e do *Colocci-Brancuti*, publicadas respectivamente em 1875 e 1880, sem falar da edição da Real Academia das *Cantigas de Santa Maria*, saída em 1889. Por outro lado, fica claro que a dificuldade de acesso aos textos do *Colocci-Brancuti* a incomodava, como se deduz da observação incluída no “Adendo” ao primeiro dos artigos que tratam da edição de Lang: “Para concluir, observo que as alterações por mim sugeridas aos v. 44 299 363 638 1059 1688 1754 2050 2072 2139 2220 se confirmam através das lições do Cod. C. Br. *que eu não tinha examinado de forma suficiente*”⁸. (itálico acrescentado). Além disso, ao referir a colação das variantes do *Colocci-Brancuti* que Monaci enviara a Lang, lamenta que o italiano não lhe tivesse juntado a velha numeração, a fim de resolver o problema da discrepância entre o número de cantigas e a numeração existente no Índice colocciano⁹.

A recensão feita ao trabalho de Lang é minuciosa: o exame da parte textual, que ocupa a primeira parte do artigo, é exaustivo e implacável. A avaliação da Introdução histórico-literária de Lang, por sua vez, embora comece por reconhecer que no conjunto se trata de uma investigação esplêndida, é também severa. Diz ela, entre outras coisas: “Não se procure, contudo, nessa Introdução, um trabalho equilibrado, homogêneo e conclusivo”¹⁰. Não admira que Lang lhe tenha retrucado na mesma moeda, escrevendo uma recensão à edição do *Cancioneiro da Ajuda* de tal forma arrasadora, que a levou a deixar de lado os trabalhos previstos para os volumes seguintes por vários anos. A sua correspondência com José Leite de Vasconcelos dá-nos vários testemunhos desse devastador impacto¹¹.

7 Carta em inglês, datada de 22 de abril de 1899. Cf. Henry R. Lang, *Cancioneiro d’el Rei Dom Denis e Estudos Dispersos*. Edição organizada por Lênia Márcia Mongelli e Yara Frateschi Vieira. Niterói, R. J.: EdUFF, 2010, p. 23. (tradução minha)

8 “Zum Lieberbuch des Königs Denis von Portugal”, *Zeitschrift für romanische Philologie* XIX, 1895, p. 540.

9 *Ibid.*, p. 513.

10 “Henry R. Lang: Das Lieberbuch des Königs Denis von Portugal (...)”, *Zeitschrift für romanische Philologie* XIX, 1895, p. 578.

11 Por exemplo, num cartão postal sem data (mas posterior a 1911, pois refere-se à sua partida para Coimbra), afirma: “Depois irá a Gramática com excursos – muito precisas [sic]... Finalmente// darei as Anotações e todos os materiais que estavam prontos quando H. R. Lang com a sua malvada critica me tirou o gosto de acabar a

Por outro lado, algumas passagens dessa mesma correspondência dão azo a levantar uma hipótese aliciante: a de que Carolina Michaëlis preparou, ou estava disposta a preparar, durante algum tempo, uma edição do Cancioneiro de D. Dinis. As referências não são muito claras, mas juntas parecem realmente permitir essa interpretação: por exemplo, numa carta datada de 17 de junho de 1913, diz a José Leite: “Depois do Canc. de D. Denis, conto publicar a *Poetica* comentando-a”. E mais adiante: “Qual é o editor que me recomenda? e que me arranja para o CD – combinando tudo para eu não gastar tempo com coisas enfadonhas?”¹² Num cartão postal, enviado alguns dias depois, agradece a Leite de Vasconcelos as providências que este teria tomado para o CD e informa que está apenas à espera de uma confirmação de Max Niemeyer, por lhe constar que Lang iria publicar uma segunda edição¹³. Em novembro de 1918, ainda fala do projeto, mas agora prorroga-o para depois da impressão do CA (referindo-se, provavelmente, à publicação das Notas e do Glossário): “O C Denis só o farei quando o CA estiver impresso”¹⁴. Enfim, seria preciso examinar com vagar toda a correspondência disponível para definir se realmente se trata, como parece, de um projeto de edição do Cancioneiro do rei trovador, que ela certamente ofereceria em contraposição à edição de Lang, e se é possível encontrar, no seu espólio guardado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, “rascunhos” relativos ao assunto.

Entre 1896 e 1905, saíram as 15 *Randglossen* ou *Glosas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português*, que se ocupam da edição e do comentário de vários textos que se encontravam no *Cancioneiro da Vaticana* ou no *Colocci-Brancuti*¹⁵.

Em 1900, publica na *Revista Lusitana* um artigo sobre os “Lais de Bretanha (CB 1-5 = CA 311-315)”¹⁶, que incluirá também, “em redacção um pouco condensada, e rectificado em varios pormenores”, no volume II do Cancioneiro da Ajuda¹⁷. “Publiquei-o”, diz ela ali, “enquanto dava a ultima demão a esta obra, com o proposito de provocar o juizo dos mestres sobre materias de que só de passagem me occupei”¹⁸. Essas matérias de que se teria ocupado apenas de passagem, isto é, os Lais de Bretanha, tinham tido as suas rubricas editadas

obra. Custou-me *muito* vencer a repugnancia que ele me inspirou. Mas venci-a. E agora irei ate o fim.” (Doc. MNA 22584. Acervo da correspondência de Carolina Michaëlis com José Leite de Vasconcelos, Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa).

12 Doc. MNA22746 ½.

13 Doc. MNA22747: “e muito obrigada pelos passos que deu por causa do Cancioneiro de D. Denis. – Breve hei de escrever ao Teixeira. Espero apenas por noticias do editor de Lang: Max Niemeyer. Escrevi-lhe por me constar que Lang vai fazer 2ª edição”.

14 Doc. MNA22784.

15 Cf. Yara F. Vieira, José Luís Rodríguez, M. Isabel Morán Cabanas, José António Souto Cabo, *Glosas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português de Carolina Michaëlis de Vasconcelos*. Coimbra, Santiago de Compostela, Campinas: Universidade de Coimbra, Universidade de Santiago de Compostela, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

16 *Revista Lusitana* VI, 1900-1901, pp. 1-13.

17 *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, pp. 479-525.

18 *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 89.

por Monaci no volume do *Cancioneiro da Vaticana*, em 1875; o mesmo publicara em 1887 em facsímile as laudas do manuscrito Vat. lat. 7182, sigla V^a, onde também se encontravam copiados os Lais existentes no *Colocci-Brancuti* – mas Carolina não parece ter tido conhecimento dessa publicação. Aliás, na *Necrologia* do filólogo italiano, refere apenas a edição facsimilada que se publicara em 1913, em tamanho reduzido¹⁹.

Em 1922, sai finalmente publicado na *Revista Lusitana* XXIII²⁰ o “Glossário” do *Cancioneiro da Ajuda*. Na “Explicação Prévia”, manifesta a intenção de publicar uma 2^a edição revista do *Cancioneiro*, com a seguinte condição: “Na segunda edição, que sairá só depois de o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* me ter sido acessível em Lisboa, ver-se-há quanto lucrei com a colaboração de Nobiling e Lang, e dos Drs. Leite de Vasconcelos, e J. J. Nunes, e com o meu trabalho individual”²¹.

Nesses quase cinquenta anos de dedicação aos estudos medievais galego-portugueses, o contributo de Carolina foi, enfim, de tal monta que, referindo-se à vastidão do seu conhecimento, Ivo Castro registrou muito apropriadamente uma sensação que nos acomete a todos aqueles que, para nossa fortuna ou desfortuna, seguimos na esteira por ela aberta nessa área de investigação. Diz ele, no simultaneamente erudito e sensível texto, “Carolina Michaëlis e a arte de erguer monumentos”, que serve de Introdução à reimpressão da edição de Halle, feita em 1990 pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda de Lisboa:

D. Carolina conhecia praticamente tudo o que havia para conhecer da literatura medieval portuguesa e interpretou, ou intuiu, bem quase tudo. Sendo uma pessoa só (e não, como Pessoa, uma geração inteira), não teve tempo nem interesse para referir mais que superficialmente muitos dos pontos que foi tocando ao longo do seu caminho. E fê-lo, por vezes, nos recantos mais inesperados, no rodapé de livros dedicados a temas diversos, por exemplo. Resulta daqui uma ameaça letal e permanente: quem julgar ter feito uma descoberta, ou achado uma explicação, não deverá ficar descansado sem percorrer primeiro, e de lupa, todos os escritos de D. Carolina (...) ²².

Enfim, é preciso lembrar que, além da sua contribuição ao estabelecimento de textos e ao conhecimento relativo ao contexto linguístico, literário e histórico da lírica profana galego-portuguesa, devemos-lhe também ter desempenhado um papel importante na compra do códice *Colocci-Brancuti* pelo governo português e seu consequente depósito na Biblioteca Nacional de Lisboa. José Leite de Vasconcelos narra como, logo depois da morte

19 *Revista Lusitana* XXII, 1919, p. 252.

20 O número saiu com a data de 1920.

21 *Ibid.*, p. vii.

22 *Cancioneiro da Ajuda*, vol. I, p. p.

de Monaci²³, iniciara esforços no sentido de convencer o governo português a adquirir dos herdeiros o códice e trazê-lo para Portugal. Para esse fim, pedira a Carolina Michaëlis, “como autoridade que é em tudo o que pertence à literatura portuguesa, especialmente no ramo medieval, fizesse um artigo que influísse no ânimo do nosso Govêrno, e o levasse a comprar o códice (...)”²⁴. O artigo foi escrito sem delongas e entregue a Leonardo Coimbra, então Ministro da Instrução²⁵. Após demorados e tortuosos trâmites, formalizou-se a compra e formou-se uma comitiva que se deslocou a Roma para realizá-la; Carolina foi, naturalmente, convidada a participar dela, mas teve de declinar o convite, conforme explica a Leite de Vasconcelos num cartão postal sem data (mas provavelmente enviado entre 10 de maio e 27 de agosto de 1919²⁶): “Quanto ao CCBBr – compreende bem que eu não podia aceitar a viagem a Roma no momento em que a Faculdade era transferida ao Porto! – Renunciei, agradecendo. Mas espero ainda que a compra se efectuará”²⁷.

O códice fez, finalmente, a sua entrada na Biblioteca Nacional de Lisboa no dia 26 de fevereiro de 1924. Diante das autoridades ali reunidas, Leite de Vasconcelos pronunciou uma alocação, lavrando-se em seguida um auto de cerimônia, assinado por todos os presentes. Carolina Michaëlis não pôde comparecer (provavelmente por motivo de saúde, já bastante debilitada); foi-lhe então enviado um telegrama, em reconhecimento do seu papel na “aquisição do precioso códice”²⁸, que passou a ser conhecido, dali em diante, como o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*. Vinte meses depois, em 16 de novembro de 1925, Carolina morria no Porto.

23 Equivocadamente, diz que Monaci falecera em janeiro de 1919, quando na verdade o filólogo italiano morreria em maio de 1918. Cf. “O Cancioneiro de Colocci-Brancuti, adquirido em Roma para a Biblioteca Nacional de Lisboa”, publicado em *O Século*, 20.2.1924, repr. em *Opúsculos* IV. Filologia (parte II). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929, p. 1127.

24 Cf. nota anterior.

25 Depois publicado: “Algumas palavras a respeito do Cancioneiro Colocci-Brancuti”, *Anais das Bibliotecas e Arquivos* 2, 1921, pp. 19-22.

26 Nele, Carolina justifica a impossibilidade de dirigir-se a Roma com a comitiva, porque não se podia afastar do país no momento em que se efetuava a transferência da Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto. Ora, essa transferência foi proposta por um decreto de 10 de maio de 1919, revogado por sua vez pela lei 861, de 27 de agosto. Cf., a esse respeito, Victor de Sá, “Notas sobre o ensino da História na 1ª. Faculdade de Letras do Porto”, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2046.pdf>, pp. 208-9.

27 Doc. MNA22788.

28 Artigo de primeira página do jornal *O Século*, de 27 de fevereiro de 1924, *apud* Anna Ferrari, “Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese della Biblioteca Nazionale di Lisbona (Cod. 10991: Colocci-Brancuti)”, *Arquivos do Centro Cultural Português* XIV, 1979, p. 36, nota 19.